

---

## DE ONDE VÊM OS SENTIDOS

Maria Isabel de MOURA<sup>1</sup>  
Valdemir MIOTELLO<sup>2</sup>

**RESUMO:** Ao discutir os sentidos de um texto, queremos aprofundar a discussão sobre a relação sujeito X língua. E defendemos que o sentido pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ele só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. O sentido não está na palavra e nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ele é efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro, utilizado em determinada situação.

**UNITERMOS:** Sentidos; Teoria de linguagem; teoria de texto; sujeito; Bakhtin; ideologia.

**B**asicamente, se poderia dizer que as teorias apontam como origem dos sentidos lugares distintos: a) o sistema da língua; b) a enunciação individual; c) o sistema ideológico; d) o tema; e) a significação; f) os sujeitos. Vamos pensar esta questão apresentando uma reflexão sobre a compreensão, tomada como construção ativa, dos sentidos.

A perspectiva teórica escolhida para o entendimento deste conceito é pela utilização dos pressupostos apresentados por Bakhtin na análise de um texto que circulou no campus universitário da Universidade Federal de São Carlos (SP) dias após a realização da final da “*Copa do Mundo*”, em julho de 1998 na França, quando o Brasil, inesperadamente, perdeu o título para a França. Trata-se, precisamente, de um texto exposto numa faixa-cartaz, veículo de utilização comum no lugar, contendo o seguinte enunciado:

---

<sup>1</sup>Professora de Português da Universidade Federal de São Carlos e doutoranda em lingüística na UNESP/Ar.

<sup>2</sup>Professor de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia e doutorando em lingüística no IEL/UNICAMP.

CONVULSÃO NA PRODUÇÃO  
NESTA VOCÊ NÃO VAI AMARELAR  
21.07.98 - PAVILHÃO - 23 Horas

Um enunciado como este, do ponto de vista lingüístico, é pouco legível. As palavras dicionarizadas remetem a muitos sentidos estabilizados, mas nem um deles corresponde ao sentido comunicado na faixa. Para compreender este enunciado é preciso buscar auxílio nas condições discursivas em que foi produzido, de modo a fazer com que as formas lingüísticas passem a oferecer as pistas para sua leitura.

Neste sentido podemos principiar pela palavra “*Pavilhão*”, presente na faixa. Esta remete a uma casa noturna da cidade de São Carlos. Ligando esta pista com a outra oferecida pela palavra “*Produção*”, que, no contexto se refere ao Curso de Engenharia de Produção da UFSCar, e devido também ao *conhecimento prévio* de que os alunos da UFSCar promovem festas assiduamente, infere-se que o texto é um convite para uma festa promovida pelo alunos do referido curso. Juntando estas informações à data e ao horário apresentados, confirmase o sentido, pois o próprio horário aponta para a possibilidade de ser uma festa, tendo em vista que, em um horário tão tardio, não é habitual haver alguma atividade acadêmica. Este é antes um horário convencional para iniciar as festas dos alunos da UFSCar. Quanto ao restante do texto, ele serve, certamente, para estimular a presença na festa.

Entretanto, se desse modo, trazendo o exterior da língua para dentro do texto, foi possível entender a informação contida no texto, não se pode deixar de considerar que ela não é a única, já que a mesma forma discursiva e verbal do texto dá voz a outras vozes presentes na comunicação. Para fazer emergir os outros sentidos contidos nesta comunicação, precisamos recuperar sua relação mais imediata com a situação social que a constrói. A esse propósito, é necessário mencionar que, no momento da comunicação, a sociedade brasileira vivia a derrota de sua seleção na Copa 98. Embora não estivesse descartada a possibilidade de o

Brasil perder a última partida, jamais previu-se que a causa da derrota viria a ser atribuída à atuação do principal astro da seleção brasileira. Posteriormente soube-se que o jogador, horas antes de entrar em campo para disputar a última partida do campeonato, havia sofrido uma crise nervosa acompanhada de desmaio, contração muscular, tremedeira e salivação, estado identificado a uma “*convulsão*”, conforme declararam outros jogadores que presenciaram o fato e a própria comissão técnica. Consequentemente, Ronaldinho, o astro do futebol nacional, abalado pelo acontecimento, teria apresentado em campo uma apática participação. Por outro lado, “*sem a chama de seu principal atacante, toda a seleção afundou*” (Revista Veja, 1998:88).

Durante os dias que se seguiram diferentes versões tentaram explicar o ocorrido com o jogador. Aparentemente, o equilíbrio de Ronaldinho, em permanente pressão devido à sua condição de “*melhor jogador do mundo*”, sucumbiu. Para os torcedores e a crítica, chocados e indignados com a apresentação do jogador, a conclusão foi a seguinte: Ronaldinho se acovardou, ou, utilizando a expressão adotada pelo meio futebolístico, “*amarelou*”. É da inserção nesse contexto que provavelmente os idealizadores foram buscar as palavras para compor o convite colocado na faixa exposta no campus.

Vê-se, então, que o enunciado-convite está circunscrita de tal forma à derrota do Brasil na Copa, que este episódio se integra ao convite como parte constitutiva de seu significado e de sua existência material. O emissor do texto não selecionou as palavras no dicionário, tampouco utilizou o acervo lingüístico deste gênero de acontecimento social. Mas ele foi buscar no contexto da vida social próximas palavras impregnadas pelos sentidos produzidos por uma determinada situação.

Na réplica produzida, a escolha do emissor ampliou o significado da palavra festa, dando a ela propriedades de uma “*convulsão*”, e a seleção de “*amarelou*” surge como uma antecipação anunciada do clima que deve rolar na referida festa, visto que ao termo foi acrescida uma negativa. Logo, previa-se uma festa de grande agitação e sua conseqüência não seria igual àquela apatia mostrada em campo pelo jogador Ronaldinho, ao contrário... E aqui se operam duas rupturas, sendo a primeira de junção temporal: ela se dá pelo fato de a “*convulsão*” e o “*não amarelar*” na festa

acontecerem conjuntamente, enquanto que no fato real se deram em tempo sucessivo, intermediado por uma bateria de exames a que Ronaldinho submeteu-se em uma clínica francesa; primeiro o jogador convulsionou e depois amarelou; ou, do dizer de um dos seus colegas de seleção, primeiro ele amarelou, o que provocou a crise nervosa que, na seqüência, resultou na convulsão; e a segunda quebra é proporcionada pela utilização da representação dos mesmos episódios, mas com sinal trocado, uma vez que a presença da negação diante do verbo amarelar inverte a expectativa, pois quem participar da “convulsão” na festa da “produção” é porque não terá amarelado, e quem “amarelar” certamente não terá “sofrido” a “convulsão”. Foi montado um jogo argumentativo muito sofisticado ao se trazer duas palavras em uso constante nos meios escritos e televisivos da época e nos bate-papos de esquina, e produzindo com elas um convite de festa em que se produz um efeito de sentido contrário ao contexto a que estas palavras pertenciam, por causa da presença da negação.

Esta perspectiva, do discurso da vida social cotidiana, permite demonstrar a complexa produção de sentidos na nossa sociedade, que demanda primeiramente revisitar palavras ditas por vozes que pretendem mostrar que o discurso deve ser visto como um objeto lingüístico e histórico, e também revisitar um gênero discursivo, modificando-o constantemente. Todo discurso é heterogêneo, isto é, todo discurso está ancorado em palavras anteriores já-ditas por outro falante em outra situação social. As palavras não são vazias, ocas, não estão guardadas em um dicionário como uma ferramenta a ser usada em uma próxima necessidade. Além de estarem estabilizadas no sistema formal da língua, como palavras neutras, elas também estão disponíveis para serem utilizadas discursivamente em um novo contexto que não apenas se reutiliza da palavra neutra, mas que traz consigo outros discursos, produzidos em outros contextos sociais e de tempo, com outros interlocutores, e com outros sentidos. E o novo uso da palavra se constitui em relação polêmica com o uso anterior, negando e reafirmando. Negando porque não é mais a mesma palavra, uma vez que está sendo pronunciada em outro horizonte social, com outra entonação, por outro sujeito, para outros interlocutores, e reafirmando-a porque está se utilizando da mesma forma lingüística e de um conjunto

de significações já enquadradas por outros falantes, que agora são re-significadas. Ao novo uso da palavra não são rejeitados os sentidos anteriores, pois isso estagnaria a língua que, de processo constitutivo, se transformaria em produto acabado; ao contrário se reveste a palavra com um novo sentido, sem tirar sua vestimenta antiga ou costumeira. Produz-se um novo enquadramento, e ao visitar uma palavra acresce-se a ela um novo conjunto de sentidos, re-vitalizando-a e re-colocando-a na corrente de comunicação humana com novas cargas significativas.

O tema da heterogeneidade supõe uma teoria do sujeito e de texto. É preciso pensar não um sujeito que está aí como coisa objetificada, mas um sujeito não pronto, inacabado, um sujeito ativo, que se comunica e um sujeito em contato com a língua. Se tomarmos o sujeito apenas como uma coisa, colocada ao lado dos objetos do mundo natural, nós o veremos apenas, sem ser sujeito, em seus aspectos biológicos e psicofisiológicos, e as ciências físicas, químicas e biológicas dariam conta de explicar este ser-coisa. Se o tomarmos como um sujeito pronto, ele perderia seu vínculo histórico e social, e, sem ser sujeito, precisaríamos de uma visada metafísica ou uma explicação sagrada, transcendental para explicá-lo. Se o encararmos como um receptor passivo, ele perderia sua condição humana e assumiria uma função de depósito de informações e de contatos, sem retorno, sem responsividade. E um sujeito sem língua não se constituiria sujeito, e suas atividades mentais se reduziriam a reflexos condicionados.

Por que precisamos de uma teoria que apresente um sujeito que se constitui como tal constituindo a própria língua? Exatamente porque tal concepção dá conta de um sujeito que, inacabado, busca na relação com outros sujeitos, também inacabados, sua completude; e, ao buscar sua completude, o faz se utilizando da língua que, em uso, se refaz, se re-atualiza, jogando entre o dado pela corrente humana de comunicação e o novo da enunciação única e irrepitível produzida na interação. Esse aspecto dialógico do sujeito e da língua constitui a ambos. Se entendermos que o sujeito não se relaciona diretamente com as coisas que estão aí no mundo, mas que sua relação com as coisas se dá no mundo já mediatizado por visões de mundo, arrumado pelo discurso, organizado em mundo simbólico, sgnico, sustentado por visões ideológicas, então é dito que uma

forma de compreender o processo de construção da subjetividade se dá através da linguagem. Voltando ao exemplo apresentado, entendemos melhor como se apresenta o processo de construção da subjetividade, ao mesmo tempo em que se dá o processo de construção da língua. Como ser inacabado, buscando sua completude, a pessoa humana vive em um ambiente social, organizado. Essa organização, desde a mais ampla organização em classes sociais, passando pelas organizações estabilizadas do mundo da política, do trabalho e da moradia, e se imiscuindo com as organizações instáveis, passageiras, fluídas, ocasionais, se funda sobre a formação econômico-produtiva, que garante a forma de existência real da sociedade. Nesse meio há um contínuo processo de comunicação social, levado a efeito pelas pessoas em interação, na busca de ser mais. Aparece então o primeiro fundamento constitutivo do sujeito, que é a necessidade do outro como imperativo pessoal do ser. É de dentro do outro, desta relação dialógica, que o sujeito emerge à existência. E esta relação com o outro tanto se dá a nível de relação pessoalizada, frente a frente, em diálogo real, como se dá com todas as pessoas que tiveram existência anterior, de quem ele recebe as visões de mundo ideologizadas, assim como com as pessoas que virão a se constituir no futuro, a quem ele passará seu olhar constitutivo de mundo. A construção do sujeito é resultado de sua inserção na história e na sociedade. E como esta visão de mundo é constituída simbolicamente, é transformada em signos, aqui entra a palavra como o signo por excelência, uma vez que ela é a ponte fundamental de interação entre pessoas.

E por que não caberia entender a língua como dada, mas também como se constituindo na relação entre sujeitos? Se entendermos a língua apenas como dada nem conseguiríamos dar conta de suas modificações, da construção de novos sentidos, da interação como se constituindo em um acontecimento único e irrepetível. Também se a entendermos apenas como acontecimento novo não daríamos conta de explicar como as pessoas conseguiriam se entender, uma vez que, a cada nova interação, cada interlocutor daria uma carga completamente nova de sentidos a novos termos e palavras, e a compreensão se reduziria a nada. É preciso então que os interlocutores se sirvam da conquista humana antecedente e paralela da linguagem já constituída, com seus sentidos já estabilizados, e

que tenham condições de re-utilizá-la, agora em um contexto completamente novo, garantindo o jogo heterogêneo e dialético entre o velho sentido e as velhas formas dentro de novos sentidos e novas formas. A língua é, assim, reconstituída, revestida de novos significados, sem que se abandone completamente sua carga histórica e social. Do velho apenas, nada pode se produzir de novo, e do novo apenas, nada se poderia se construir compreensivamente. É na junção dialética que aparece a possibilidade de interação comunicativa entre sujeitos que, utilizando-se das formas e das palavras da língua pronta, estabilizada, porém neutra, carregam-na com os sentidos possíveis a partir da situação concreta atual.

Tomando, então, o exemplo utilizado, como se deu este processo de constituição do sujeito e da língua? Na busca incontinente de interação, um sujeito, ou mesmo um grupo de sujeitos, se reuniu para desenvolver um convite escrito para uma festa. Nesse momento já se pode identificar a necessidade intransigente que o sujeito tem do outro para se constituir. Tal festa apenas poderia acontecer caso mais pessoas se envolvessem com ela. Festa é um acontecimento plural, que precisa da concorrência de mais pessoas e de um ambiente específico para se realizar. Essas ocorrências fazem parte integrante de tal evento. E o convite se utilizou de formas consagradas e estabilizadas neste gênero: faixa pregada em lugar público e com ampla visibilidade, e fórmulas lingüísticas e comunicativas amplamente conhecidas, pelo fato de dizer o quê, quando e onde, e com esse conjunto estabelecer um convite. Seria impossível ao locutor/enunciador do convite se servir de uma língua totalmente pronta e de um gênero-convite totalmente também pronto; o simples fato de ele novamente estar se servindo do gênero-convite e de se utilizar de palavras e fórmulas estabilizadas já garantiriam a esse ato a inserção de um novo sentido, que provém do fato de se servir de sentidos estabilizados e jogá-los novamente na corrente da comunicação, dando um arranjo novo e, conseqüentemente, um sentido re-novado. Nesse ato acontece a heterogeneidade. E para aproveitar a distinção já consagrada pela AD francesa, heterogeneidade constituída como aquela que já faz parte do funcionamento real do discurso, uma vez que cada palavra e cada gênero já têm gravados em si, pela memória discursiva, as marcas de outras vozes indistintas que fazem parte de uma dada formação social, ou de um dado grupo social

organizado, e heterogeneidade mostrada como inserção da voz do outro no discurso. E, no caso, do convite da festa, uma heterogeneidade mostrada e marcada, uma vez que a voz do outro, pronunciando “*convulsão*” e “*amarelar*” aparece explicitamente no dito.

### **O sentido vem do sistema da língua, pela história passada?**

- Vamos buscar apoio agora na teoria. Para compreender o trabalho a respeito da concepção da linguagem por Bakhtin, importa refletir sobre sua posição a respeito do *sistema da língua*. Ele mesmo elabora, a princípio, algumas perguntas ao *objetivismo abstrato*, que toma a enunciação como monológica e, do ponto de vista do filólogo, como compreensão passiva; estas perguntas dirigem sua tomada de posição, como:

a) *em que medida um sistema de normas imutáveis - isto é, um sistema de língua segundo os representantes do objetivismo abstrato (Saussure e outros), conforma-se à realidade?* Afinal, para estes lingüistas, o sistema lingüístico tem um caráter de realidade material eterna, se constituindo como um fato objetivo externo à consciência individual e independente desta, e no entanto se apresentando apenas à consciência individual e do ponto de vista dela como um sistema de normas rígidas e imutáveis;

b) *a língua existe realmente para a consciência subjetiva do locutor unicamente como um sistema objetivo de formas normativas e intocáveis?* É verdade que não é possível afirmar que a língua, como sistema de normas imutáveis e incontestáveis, possui uma existência objetiva, mas é possível afirmar que a língua, para a consciência individual, se constitui um sistema de normas estáveis, e esta relação pode ser considerada um fato objetivo;

c) *É esse realmente o modo de existência da língua na consciência lingüística subjetiva?* Aqui os caminhos começam a se distanciar, e Bakhtin responde pela negativa: a consciência individual do locutor não se utiliza da língua como um sistema de formas normativas. Tendo em vista, porém, que a língua existe no uso, resta uma última pergunta possível;



d) *como o locutor deve levar em conta o ponto de vista do receptor, será aqui que a norma lingüística entraria em jogo?* E também aqui a resposta é negativa, pois que o essencial na tarefa de descodificação não consiste em reconhecer a forma utilizada, mas compreendê-la em um contexto concreto preciso, compreender sua significação numa enunciação particular. A língua é um signo e como tal deve ser descodificada, compreendida em seu caráter de novidade, e não somente sua conformidade à norma. Mas e a língua como um *sinal imutável e sempre idêntico a si mesmo*, como um sistema de normas estáveis, existe? Para Bakhtin, enquanto uma forma lingüística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor lingüístico. A *pura sinalidade* não existe, mesmo nas primeiras fases de aquisição da linguagem. Não se pode concluir daí que o componente *sinalidade* e sua identificação não existam na língua. Existem, mas não como constituintes da língua como tal, e sim, dialeticamente deslocados, absorvidos pela nova qualidade de signos na prática viva da língua. Para se perceber a palavra como uma forma fixa pertencente ao sistema lexical de uma língua dada é preciso que se adote uma orientação particular e específica, normalmente adotada nos procedimentos práticos e teóricos elaborados para o estudo de *decifração das línguas mortas* que se conservaram em documentos escritos, e conseqüentemente das línguas enquanto estrangeiras, e também para as necessidades de *transmissão escolar*. São nestes contextos que a língua se apresenta como *morta-escrita-estrangeira* e a enunciação como *isolada-fechada-monológica*, mas infelizmente colocados como ponto de partida para a reflexão lingüística. A língua, enquanto sistema de formas que remetem a uma norma, não passa, pois, de uma *abstração*, que só pode ser demonstrada no plano teórico e prático do ponto de vista do deciframento de uma língua morta e do seu ensino. Esse sistema não pode servir de base para a compreensão e explicação dos fatos lingüísticos enquanto fatos vivos e em evolução.

**O sentido vem da enunciação individual?** - Ao se voltar para buscar a compreensão do *sistema normativo da língua* a partir das concepções do *subjetivismo individualista*, que também defende a enunciação como monológica, individual, e tenta explicá-lo a partir das condições da vida psíquica individual do sujeito falante, Bakhtin também elabora algumas questões que orientam sua tomada de posição:

a) *como se apresenta a enunciação monológica do ponto de vista do subjetivismo individualista?* Ela se apresenta como um ato puramente individual, como uma expressão geral, de nível superior da consciência individual, de seus desejos, de seus impulsos criadores, seus gostos, que engloba o ato da fala;

b) *mas afinal o que é a expressão?* É tudo aquilo que, tendo se formado e determinado de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores e, portanto, comporta, duas facetas: o *conteúdo* (interior) e sua *objetivação exterior* para outrem ou para si mesmo. Logo, o conteúdo pode constituir-se fora da expressão, e esse dualismo favorece explicitamente o conteúdo interior e é idealista e espiritual;

c) *como se comportam as formas exteriores?* Como o conteúdo interior precisa se apropriar do material exterior, que dispõe de suas próprias regras, no curso de dominar este material em meio obediente da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso, podendo até deformar o pensamento interior. Sendo assim, o idealismo defende que todas as forças criadoras e organizadoras da expressão estão no interior e sua exteriorização não é senão a sua tradução;

d) *como se dá a compreensão, o comentário e a explicação do fenômeno ideológico?* Tendo em vista que eles não podem se dar no exterior, eles precisam percorrer um caminho inverso do da expressão: procedendo da objetivação exterior a explicação deve infiltrar-se até as suas raízes formadoras internas. Toda esta teoria é radicalmente falsa, segundo Bakhtin, pois que o conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados a partir de um único e mesmo material, pois sem expressão semiótica não existe atividade mental. Além disso não há esta distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior, pois o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior, e é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação. Mas ainda resta a pergunta fundamental:

e) *o que garante a forma da enunciação?* Bakhtin não tem dúvidas em responder que qualquer que seja o aspecto da expressão-enunciação considerado, ele será determinado pelas *condições reais* da

enunciação em questão, isto é, antes de tudo pela situação social mais imediata. *E quais são estas condições reais da enunciação?* Aqui é preciso ver a enunciação como o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados; o locutor, o horizonte social definido e estabelecido e o interlocutor real ou substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor são imprescindíveis. Toda palavra procede de alguém determinado e se dirige a alguém determinado por uma situação bem precisa. Desta forma, a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo do enunciado, e os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor.

**O sentido vem do sistema ideológico?** - Nesse ponto da discussão, Bakhtin distingue entre a expressão da vida cotidiana, que ele chama de *ideologia do cotidiano*, e os *sistemas ideológicos constituídos*; aquela também é ideológica e constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema; quando de nível inferior, mantém maior *instabilidade* que quando de nível superior, mas esta é capaz de repercutir as mudanças da infra-estrutura sócio-econômica mais rápida e distintamente; já os sistemas ideológicos constituídos são cristalizados a partir da ideologia do cotidiano, mantendo uma maior *estabilidade*, e exercem, por sua vez sobre esta, em retorno, uma forte influência e dão o tom a essa ideologia. Mas ao mesmo tempo os sistemas ideológicos conservam um elo orgânico vivo com a ideologia do cotidiano e alimentam-se de sua seiva, estabelecendo contatos estreitos com a *ideologia cambiante do cotidiano*, pois que é aqui que as novas forças sociais encontram sua primeira expressão e sua elaboração ideológica. Estas, por mais revolucionárias que sejam, submetem-se à influência dos sistemas ideológicos estabelecidos e assimilam parcialmente as formas, práticas e abordagens neles acumulados. Dessa forma se compreende que mesmo a enunciação individual, a “*parole*”, as enunciações normativamente idênticas, são produzidas como fatos sociais, tensos, e não como fatos individuais, abstratos; por isso encerram em si toda a *dinâmica da evolução social*, que é contínua, em todas as direções, e são geradas por um grupo social determinado. Desta forma, para o *estudo da língua*, Bakhtin aponta a

seguinte *ordem metodológica*: a) estudo das formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza; b) as formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que se constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal; c) a partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual.

**De onde vem o sentido, afinal?** - Esta proposta metodológica do estudo da língua segue a mesma ordem em que se desenvolve a evolução real da língua: as *relações sociais* evoluem, depois a *comunicação e interação verbais* evoluem no quadro das relações sociais, as *formas dos atos de fala* evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na *mudança das formas da língua*. Assim fica fácil entender que a enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas desta ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu auditório.

Isto posto, poder-se-ia, para concluir, perguntar se *a língua é indeterminada*? Para Bakhtin a resposta é não; a língua não é indeterminada, nem enquanto palavra, sinalidade, pois que aqui ela é neutra e, enquanto sinal, não faz parte do sistema lingüístico, e nem enquanto enunciação, uma vez que nesse caso ela se dá na interação verbal social dos locutores e se constitui um *processo de evolução ininterrupto*, regido por leis sociológicas. Mas nesse caso, *como se articula o ainda-não dito com o já-dito para que haja a compreensão na interação*? É aqui que Bakhtin apresenta a distinção que há entre o *tema* e a *significação* na enunciação, distinguindo o tema como uma propriedade única, individual, não reiterável e como um sistema dinâmico e complexo que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução, enquanto que a *significação* se refere aos elementos da enunciação que são reiteráveis e idênticos cada vez que são repetidos e se compõe das significações de todas as palavras que fazem parte dela, idênticas em todas as instâncias históricas em que é pronunciada, e é um aparato técnico para a realização do tema. Logo não se pode designar a significação estável de uma palavra isolada, mas apenas

quando ela faz parte de um tema, de uma enunciação completa, uma vez que, se uma palavra encerrar uma *multiplicidade de significações* - a indeterminação, ela não é mais que uma palavra, um sinal neutro potencial, uma possibilidade de significar, e como tal não tem significado. Apenas em situação concreta seu significado se realiza, e nesse caso sua significação é diferente a cada vez que se realiza, de acordo com a situação. Aqui entra novamente o interlocutor como o *outro* que vai realizar a compreensão da enunciação, estabelecendo sua *contrapalavra* e fazendo corresponder a cada palavra da enunciação uma série de palavras que, quanto mais substanciais e numerosas forem, mais profunda e real será a compreensão.

Desta forma, *nada na língua é indeterminado e nada é perfeitamente estável*, mas tudo está em *evolução dialética* que se reflete na *evolução semântica*. Uma nova significação se descobre na antiga e através da antiga, mas a fim de entrar em contradição com ela e reconstruí-la. A mudança de significação é sempre uma reavaliação. O resultado é uma luta incessante dos acentos em cada área da semântica da existência, e nada está acima da evolução social, pois que a *sociedade em transformação* alarga-se para receber e integrar o *ser em transformação*. Nada permanece estável nesse processo. É por isso que a significação, elemento abstrato igual a si mesmo, é absorvida pelo tema e dilacerada por suas contradições vivas, para retornar enfim sob a forma de uma nova significação com uma estabilidade e uma identidade igualmente provisórias, instáveis.

Mas, afinal, onde está mesmo o sentido? **O sentido está no Tema?** - Uma significação unitária é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo. A esse sentido da enunciação completa Bakhtin chama de tema. O *tema* é um sistema de signos dinâmico e complexo, que adapta-se adequadamente às condições de um dado momento e situação histórica concreta de uso da língua e, conseqüentemente, carrega consigo a instabilidade, uma vez que a cada enunciação o *tema* é individual, não reiterável, propriedade de cada enunciação, que se constitui contextualmente. O *tema* de cada enunciação é determinado pelas formas lingüísticas (palavras, formas morfológicas ou sintáticas, sons, entoações) e pelos elementos não verbais da situação. Bakhtin chama o tema de *estágio superior real da capacidade de significar*, pois confere o significado contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta.

**Ou o sentido está na significação?** - O jogo dialético do instável/estável do *tema* se dá com a *significação*, que é o lado reiterável e idêntico da enunciação, a parte estável garantida pelo uso freqüente na vida da comunidade, e que Bakhtin chama de *estágio inferior da capacidade de significar*, pois confere o significado da palavra no sistema da língua, no dicionário.

**Para concluir** - Vamos ainda utilizar os próprios termos de Bakhtin para encerrar esta reflexão, quando ele diz que não tem razão dizer que o sentido pertence a uma palavra enquanto tal. Na verdade, o sentido pertence a uma palavra enquanto traço de união entre os interlocutores, isto é, ele só se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva. O sentido não está na palavra e nem na alma do falante, assim como também não está na alma do interlocutor. Ele é efeito da interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro, utilizado em determinada situação.

MOURA, Maria Isabel de & MIOTELLO, Valdemir. *From where the senses come*. INSTRUMENTO CRÍTICO. Vilhena, 2: 103-117, 1999.

**ABSTRACT:** In this article, departing from the means of one text, the authors try to discuss deeply about the relationship subject X language. The main argument is that the mean belongs to a word while hyphen between the speakers. That is to say that the mean only performs into the process of active and responsive understanding. The mean couldn't be find in the word itself, neither at the soul of the speaker, as so at the soul of the hearer. It is an effect of the interchange of both, produced by means of the material of a specific sonorous complex used in a particular situation.

**KEYWORDS:** Means; Language theory; Text theory; Subject; Bakhtin; Ideology.

## Bibliografia

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3.ed., São Paulo, Hucitec, 1986.

\_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz Fiorin. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo, EDUSP, 1994 (Ensaio de Cultura, 7).

- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas, UNICAMP, 1997.
- FUCHS, Catherine. *O sujeito na teoria enunciativa de A. Culioli: algumas referências*. Tradução de Letícia M. R. Robert. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 7, 1984, pp. 77-85.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino - Exercícios de militância e divulgação*. Campinas, Mercado das Letras/ALB, 1996.
- POSSENTI, Sírio. *Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido*. In: *Cadernos da F. F. C.* v.6, n.2, 1997, Marília, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP.